

Haitianos em Manaus Dois anos de imigração – e agora!

*Pe. Gelmino A. Costa **

A vida do povo haitiano, a situação pela qual passa o Haiti, a violência do terremoto do dia 12 de janeiro de 2010 e a imigração de haitianos para o Brasil tornaram-se objeto de reflexões, de debates e de posicionamentos os mais variados. No número 68 desta Revista foi apresentado um pequeno relato sobre a *“Imigração haitiana em Manaus: Presença da Pastoral do Migrante”*, recuperando alguns elementos da chegada e da acolhida dos haitianos em Manaus, de fevereiro de 2010 (data da chegada dos primeiros) a julho de 2011. Este segundo relato está em linha de continuidade do primeiro.

Resolução Normativa nº 97 de 12/01/2012 em vista da imigração haitiana

De agosto a dezembro do ano passado, a chegada de haitianos na fronteira de Tabatinga foi contínua e num crescendo. No sentido inverso a Polícia Federal foi desacelerando a emissão de Vistos, entre vinte e trinta por semana, resultando que o número de chegadas a Tabatinga era muito superior ao número das saídas. Tabatinga acordou para o ano 2012 com mais de mil e quinhentos haitianos. Considerando estrutura, tamanho e localização, a cidade vivia uma situação de calamidade pública. Algo tinha que ser feito. Muitas entidades, sobretudo a Igreja Católica, não cansavam de reivindicar uma posição das autoridades das diversas instâncias que se mantinham num estranho silêncio e pareciam estar todas de

* *Missionário Scalabriniano e Agente da Pastoral do Migrante de Manaus.*

férias. Finalmente chegou o dia 12 de janeiro de 2012 quando o Governo emitiu a Resolução Normativa nº 97 dispondo sobre a concessão do Visto a nacionais do Haiti, exatamente dois anos depois do terremoto. Os pontos principais da Resolução rezam:

A nacional do Haiti poderá ser concedido o Visto permanente previsto por razões humanitárias, condicionado ao prazo de cinco anos. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010. O Visto é concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe; poderão ser concedidos até 1.200 (mil e duzentos) Vistos por ano; a Resolução vigorará pelo prazo de dois anos, podendo ser prorrogado; a Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Não vamos fazer a análise crítica da Resolução, no que ela tem de positivo ou de limites, nem das questões que podem ser levantadas a partir dela. Retomemos a narração.

A partir desta Resolução, os Vistos deveriam ser emitidos no Haiti. Por tabela, decretou-se o fechamento das fronteiras e a suspensão dos Vistos que vinham, até então, sendo ali concedidos. Havia, porém, de se decidir o que fazer com os 1.500 haitianos que já se encontravam em Tabatinga e aqueles que já tinham saído do Haiti e se encontravam a caminho do Brasil. Quanto aos que estavam em Tabatinga, como também os que estavam na fronteira Peru/Acre, a ordem foi de fornecer o Visto imediatamente. Assim se fez. Em Tabatinga somaram-se outros agentes da Polícia Federal e, trabalhando em mutirão, entregaram rapidamente os Vistos. Isto foi muito bom para os haitianos e para Tabatinga, porém, não se pensou o que aconteceria com eles chegando a Manaus em termos de acolhida, moradia, alimentação, saúde e outras tantas necessidades. Para a Pastoral do Migrante foi uma tarefa muito árdua. Vale a pena recordar os números: Em janeiro, no dia 20 chegaram 50 haitianos; no dia 21 chegaram 42; no dia 24, 220; no dia 28, 170; no dia 30, 112; no dia 31, 160. Em fevereiro, no dia 3 chegaram 148; no dia 4, 299; no dia 7, 68; mais 38 nos dias seguintes. Quer dizer que em quinze dias chegaram 1.300 haitianos em Manaus. Neste número estão os que foram cadastrados pela pastoral, sabendo que alguns não passaram por ela. Só em dois dias chegaram 447. Teria sido muito oportuna a presença de Castro Alves para descrever os barcos carregando até trezentos haitianos a bordo, a sua caneta para descrever a frota de táxis e lotações deslocando os imigrantes do porto e 'despejando-os' na paróquia São Geraldo. Tudo indicava que desta vez a Pastoral do Migrante não conseguiria dar conta, porém, com a presença de um número grande de voluntários vindos de diversas partes, sobretudo da paróquia, foi possível recebê-los e encaminhá-los para as diversas casas de acolhida.

Os que estavam a caminho

Até meados de fevereiro, todos os haitianos que tinham entrado no Brasil por Tabatinga estavam em Manaus. Porém, foram chegando a Tabatinga mais 346 que já estavam a caminho no momento da promulgação da Resolução. Qual o seu futuro? Num primeiro momento, os meios de comunicação social afirmavam que eles seriam expulsos, extraditados, devolvidos ao Haiti. Porém, que culpa tinham eles por chegar um pouco atrasados? Por parte dos imigrantes, voltar era impossível, nem sequer havia dinheiro para isso. Se o Brasil os mandasse de volta, passaria por um desgaste político internacional muito grande; para onde iria a imagem de um país acolhedor e amigo do Haiti! Por outro lado, dentro e fora do Brasil se levantaram vozes em favor dos imigrantes. No final de janeiro a mídia já anunciava que o Brasil iria, sim, dar o Visto para este grupo e para os que se encontravam na fronteira Peru/Acre. Mas os dias se sucediam e o Visto não vinha. Parece que o Brasil, de um lado, queria dar uma lição e mostrar que não aceitaria mais ninguém pela fronteira peruana e, por outro, que estivesse negociando para que o Peru determinasse a obrigatoriedade do Visto para os haitianos. Os dias e as semanas se sucediam e os imigrantes continuavam estacionados em Tabatinga vivendo em situação desumana. Finalmente, no dia 9 de abril a Polícia Federal começou a emitir os Vistos. E assim, no dia 17 de abril chegaram a Manaus 127 haitianos, no dia 21, 131 e no dia 23, 68. Em sete dias chegaram 346 haitianos. Só ficou em Tabatinga uma família que tivera uma criança prematura e que precisaria aguardar mais tempo para deixar o hospital e enfrentar a viagem. Encerrou-se, com isso, um capítulo da imigração haitiana, via fronteira amazônica, uma história de pouco mais de dois anos, tempo marcado por contradições políticas, dramas sociais, sofrimentos e até mortes, mas também do sorriso dos haitianos no momento em que recebiam o Visto de entrada ou tomavam o barco em direção a Manaus.

Aposar-se do discurso versus práticas de solidariedade

Durante esses pouco mais de dois anos de imigração haitiana em Manaus, o governo, através da Polícia Federal fez três mutirões de Vistos em Tabatinga, mas nunca se perguntou o que aconteceria com os imigrantes quando chegassem a Manaus ou como os ajudaria. Simplesmente os despejou em Manaus. Questionado, dava sempre a mesma resposta: – Eles são imigrantes e não refugiados; eles têm que se virar como qualquer outra pessoa; já temos tantos necessitados – . Ou, como disse o governador do Amazonas: – Eu não posso dar emprego e nem dar casa para essas pessoas, eu preciso atender uma série de demandas de pessoas que vivem no estado e aguardam há mais tempo –. Porém, no discurso, com a chegada do final de janeiro e início de fevereiro, parece que os haitianos viraram tema nacional. Em Brasília se multiplicaram os encontros reunindo CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados), CNIg (Conselho Nacional de Imigração) e Ministério da Justiça. No Congresso Nacional,

os debates reuniram diversos senadores, entre eles os dois do Amazonas e o Ministério da Justiça. Em Manaus houve dois Seminários da Câmara dos Deputados para discutir a situação dos haitianos. Estiveram procurando a Pastoral do Migrante a senadora Vanessa Grazziotin, o senador Eduardo Braga e outros deputados estaduais. A Pastoral recebeu ainda a visita de duas comissões do governo federal: do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e do Ministério do Trabalho e Emprego, acompanhados pela Secretaria da Ação Social e dos Direitos Humanos do estado do Amazonas. Até o desportista José Aldo, campeão mundial dos Pesos Pena do UFC, conhecido como “o lutador”, nos visitou, ele que estivera também visitando o Haiti. Muitas reuniões foram feitas também com órgãos estaduais e municipais ligados à Saúde. E para não ficar só no discurso, o governo federal liberou uma ajuda em favor dos haitianos, o mesmo fazendo o governo estadual. Mas por motivos burocráticos e outros, os recursos demoraram muito para chegar aos destinatários, boa parte talvez nem chegue. Houve muito discurso e muita falação, mas toda a tarefa de acolhida continuou por conta da Igreja Católica, do grupo Ama Haiti, de três pastores evangélicos e, ao final, também da Associação dos Haitianos. Pessoas e entidades muito ajudaram e não se pode deixar de nomear a Associação Allan Kardec. Porém, os principais protagonistas de acolhida foram os próprios haitianos. Eles souberam acolher a muitos em seus quatinhos paupérrimos e limitados de tudo. Sempre cabe mais um nesses momentos. As doações por parte do povo manauara também foram muitas proporcionando subsídios importantes para a alimentação e o vestuário. Com competência e eficiência atuaram e atuam as equipes de alimentação, de saúde, de ensino da língua portuguesa, de cursos profissionalizantes e de emprego. O emprego é a questão principal para os imigrantes, afinal, eles vieram para o Brasil para construir aqui um futuro melhor e para ajudar os familiares que ficaram no Haiti, além de muitos terem também que saldar as dívidas contraídas para a viagem.

Emprego, questão fundamental

Assim que os haitianos chegaram a Manaus, foram logo procurados para o trabalho na construção civil. Muitas construtoras e empresas terceirizadas acabavam levando dezenas de trabalhadores de uma só vez. Algumas empresas de transformação também deram emprego aos haitianos; numa única chegaram a estar empregados oitenta deles. Muitos encontraram trabalho no setor de transporte e de serviços, ou se empregaram como mecânicos e eletricitas. Raros foram os que encontraram trabalho no chamado Distrito Industrial. Porém, aos poucos aflorou uma espécie de desencanto em relação à construção civil, e isso tanto do lado dos empregadores, como por parte dos imigrantes, que se desiludiram com a profissão de ajudante devido à dureza do trabalho, ao valor do salário mínimo e ao atraso nos pagamentos. Isso aconteceu também em outros setores de trabalho. A atitude de aceitação ou de rejeição à oferta de trabalho,

não se deve tanto ao tipo de serviço, mas ao valor do salário pago. Praticamente ninguém aceitou trabalhar em sítios, chácaras ou fazendas, também os nossos agentes não os estimulavam para isso, porque eles não se sentem preparados para tal, além de diversas outras razões. Mais difícil se tornou encontrar serviço para as mulheres, pois as ofertas eram quase que exclusivamente para trabalhar residindo em casas de família e, pelo que constatamos, não é que este seja o tipo de serviço que mais as atrai.

Com a chegada a Manaus de mais de 1.500 imigrantes nos últimos dias de janeiro e primeiros de fevereiro, e 350 em março, a oferta de trabalho se tornou insuficiente. Surgiu, porém, uma novidade, isto é, a procura de trabalhadores haitianos por parte de empregadores de outros estados, mão de obra que poderia vir ao encontro de suas necessidades. Como aconteceu e se processou (e ainda continua) o envio de trabalhadores para outras Unidades da Federação? Os empregadores entram em contato com algum agente da Pastoral do Migrante e acontecem as primeiras comunicações por telefone e/ou pela Internet. Num segundo momento, os empregadores vêm a Manaus e iniciam o diálogo com os trabalhadores. Tudo é posto sobre a mesa: trabalho, salário e alojamento. São feitos os devidos exames de saúde e as vacinas. Uma vez de acordo empregadores e empregados, estes são deslocados de avião para os locais de trabalho. Trinta empregadores já vieram a Manaus. Nos casos em que o pedido é de poucas pessoas, o processo é feito por telefone e internet, sem a necessidade do empregador se deslocar até Manaus.

Quanto ao destino, com base em nossos registros, até o momento destacam-se os estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Santa Catarina. Especificando: a) Para o Paraná (376): Curitiba 6; Campo Largo 32; Londrina 54; Arapongas 16; Loanda 21, Paranavaí 20; Pato Branco 56; Palotina 32; Maringá 39. b) Para o Rio Grande do Sul (112): Marau 11; Nova Roma 6; Bento Gonçalves 8; Caxias do Sul 35; Flores da Cunha 18; Porto Alegre 6; Carlos Barbosa 5; Antônio Prado 6; Rio Grande 17. c) Para Minas Gerais (69): Umbá 21; Belo Horizonte 45; Mateus Leme, 3. d) Para Santa Catarina (26), Itajaí 26. Ainda encaminhamos para Roraima (20), Boa Vista 20; para o Rio de Janeiro (4), Angra dos Reis 4; para São Paulo (3), Guaratinguetá 3; para Tocantins(4), Palmas 4. O total é de 516 haitianos encaminhados pela Pastoral do Migrante para outros estados. Importante dizer que, para as solicitações de emprego vindas da metrópole paulistana, nós as remetíamos diretamente à Missão Paz, situada no centro da capital paulista. Estes números referem-se até o dia 3 de maio de 2012.

É bom sempre lembrar que muitos haitianos, não sabemos quantos, foram para São Paulo por iniciativa própria, pois sempre São Paulo exerce um fascínio enorme sobre o imaginário dos imigrantes; outros, ainda, foram para o Amapá e o Pará, alguns pensando em se estabelecer na Guiana Francesa. Também devemos saber que alguns haitianos saíram de Manaus orientados por outras organizações.

Os que saíram a partir da Pastoral do Migrante, em que setores se empregaram? Nos mais variados: na construção civil; em indústrias de válvulas,

de peças, de estruturas metálicas, de carrocerias de caminhão, de vidro, de metais e sanitários; em supermercados e hipermercados; em panificadoras; na criação de frangos e frigoríficos; em fábrica de insumos; em montadora de estandes para eventos; na logística e numa mineradora de ouro em Campo Largo/PR. O processo de saída de haitianos de Manaus para outros estados vai continuar. Apesar de todo este esforço, há muitos imigrantes desempregados, ou porque perderam o emprego ou porque ainda não encontraram o primeiro emprego fixo.

Olhar para o futuro, tendo aprendido a lição

Esta fase da imigração haitiana ao Brasil via fronteiras e com o Visto por razões humanitárias teve a duração de 26 meses, envolvendo a chegada entre seis e sete mil imigrantes. Trata-se de um tempo curto e de um número razoavelmente pequeno, quando colocado ao lado do grande fenômeno da mobilidade humana em nível mundial, ou se comparamos com o número de imigrantes bolivianos chegados ao Brasil nestes últimos anos. Porém, se analisada esta imigração considerando a situação dos imigrantes na origem, as dificuldades da viagem – uma verdadeira epopeia – e o início de inserção nas cidades brasileiras, os haitianos se tornaram um fato que pede reflexão pelo conjunto da sociedade brasileira. Mostrou em primeiro lugar como é grande a distância entre a comoção e os discursos das ações concretas. Não se pode ir ao Haiti dizendo que o Brasil acolheria bem os haitianos e fazê-los passar por tamanho sofrimento, quer na travessia, quer na chegada. Mostrou o anacronismo da própria política brasileira de imigração. Mostrou as desavenças entre os poderes constituídos – municipal, estadual e federal – vivendo um jogo de empurra-empurra, um acusando o outro e todos lavando as mãos. Mostrou que primeiro se deixa o prédio cair para depois ver o que fazer. Mas a chegada dos haitianos levanta questões para toda a sociedade brasileira: até que ponto somos capazes de nos abrir ao diferente, ao estrangeiro, ao outro? Qual o nível de xenofobia ou de racismo oculto ainda existente frente ao diferente, ao pobre e ao negro, e como isso se expressa nas demandas por moradia, trabalho, no transporte e no cotidiano da vida? Por outro lado, mostrou também uma enorme quantidade de gente capaz de abrir o coração e mostrar concretamente atitudes de acolhida, de respeito, de solidariedade e de apoio. Certamente, a vida dos imigrantes teria sido muito mais dura sem a presença desta gente. Deu provas que o Brasil tem potencial de acolhida, porém, necessita de vontade política e organização por parte dos poderes constituídos. Mostrou que no Brasil há espaço para trabalhadores haitianos, mas que o mundo do trabalho revela sinais de justiça e de injustiça, de respeito e de desrespeito, de bons empregadores e de maus empregadores. Enfim, a presença dos haitianos revelou luzes e sombras de nossa cultura.

Mas a história dos imigrantes haitianos não acabou. De um lado há esses seis a sete mil que já estão no Brasil. A maioria ainda vive em situações

muito precárias, sobretudo no campo da moradia e do trabalho. Mas há que se considerar o conjunto das necessidades e das aspirações dos imigrantes, a questão da escolaridade e da profissionalização e tudo o que se refere à sua inserção na nova cultura (sem perder a de origem). Em segundo lugar, pela própria Resolução, a imigração haitiana não é um fato encerrado, mil e duzentos haitianos poderão chegar a cada ano. É de se esperar que eles encontrem uma política migratória mais organizada e uma sociedade mais aberta para que não tenham que passar por tantos sofrimentos pelos quais passaram os que entraram pelas nossas fronteiras, sobretudo pelo Amazonas e Acre.

